

Ficção Científica: Narrativa do Mundo Contemporâneo

Andréa Coutinho (UCB)

RESUMO: Este trabalho pretende considerar que o mundo contemporâneo apresenta como uma importante característica a expansão da ciência e da tecnologia e que a literatura acaba por imprimir essa característica aos textos nomeados de ficção científica. Tais textos nem sempre extrapolam a ciência possível e, mesmo apresentando robôs, ciborgues, e máquinas especiais, estão relacionados ao homem e à sociedade e desenvolvem pensamentos associados aos conhecimentos de determinada época. A ficção científica antecipa possibilidades de futuro, baseando-se exatamente em todos os conceitos científicos e tecnológicos atuais.

Palavras-chave: Literatura, ciência, tecnologia e ficção científica.

ABSTRACT: *This paper intends to assess the idea posed by the contemporary world based on one of its most important characteristics - the expansion of science and technology – that literature is bound to deploy the same characteristic in its works labeled as science fiction. Such works not always extrapolate the possible science and, even when they feature robots, cyborgs and special machines, they are related to men and society and they elaborate thoughts based on the knowledge of a particular era. This science fiction anticipates the future by relying on all the current scientific and technological concepts.*

Keywords: *Literature, science, technology and science fiction.*

*O avanço da informática
ameaça tornar a realidade mais estranha e
empolgante que a própria ficção.
(Alex Antunes)*

Hoje, há uma supervalorização do pensamento científico como resultado do impacto que as ciências exatas provocaram no mundo contemporâneo que, desde o início deste século, ampara-se mais ainda nas vertentes de tecnologia. No entanto, o empirismo da ciência clássica acabou tendo como um dos eixos de futuro a indeterminação da ciência contemporânea. Assim, não é possível pensar os objetos que não sob óticas diversas na medida em que há muito de intuitivo na ciência. Não é mais possível perceber que a imaginação destinada à "construtora" da literatura não faça parte também da elaboração científica. Por outro lado, há muito da ciência na literatura e assim nos aproximamos da literatura de ficção científica, mas aquela que antecipa possibilidades de futuro, baseada na história e, sobretudo, nas possibilidades científicas, mesmo que aparentemente crie o inverossímil, o não verdadeiro, ou até mesmo, o

impossível. Nos deparamos com a ficção científica porque é através dela que se torna possível perceber aquilo que, extraído da ciência e da tecnologia, foi base para a construção de um imaginário, além de tudo o que foi criado nos textos literários e concretizado depois pela ciência. Tudo que saiu do plano do subjetivo e inventado para o universo do concreto e físico.

Na literatura, a ficção científica demonstra sua proximidade com todas essas questões que desvelam um mundo ora real ora ficcional, assim como os paradoxos do tempo e do espaço e a explosão das imagens por meio das novas tecnologias. Apresenta o virtual que se transforma em real e a realidade que se transmuta em irrealidade, confundindo “fronteiras” antes tão perceptíveis. Embora ainda com uma posição “marginal”, a ficção científica reunia, e reúne em si, essas duas vertentes opostas: a ficção associada ao não verdadeiro, e a ciência centrada na verdade.

É inegável a aceleração da evolução das tecnologias ligadas à informática e ao computador no final do século XX. Inegável também seus efeitos sobre a sociedade, já que o computador passou a ser acessível aos “mortais mais comuns” e o universo de informações e imagens convertidas em *bits* se expande e dissemina. Tais avanços no domínio da informática permitiram forte interação com dados sonoros, visuais e textuais transmitidos pelo computador produzindo uma outra realidade – a “realidade virtual”. Por outro lado, Baudrillard (1996, p.23) afirma que “se a arte fosse apenas uma utopia, isto é, algo que escapa a qualquer realização, hoje essa utopia estaria plenamente realizada através da mídia, da informática, do vídeo, pois todo o mundo tornou-se potencialmente criativo” e explica que o virtual “em sua acepção mais usual se opõe ao real, mas sua súbita emergência, pelo viés das novas tecnologias, dá a impressão de que, a partir de então, ele marca a eliminação, o fim desse real” (BAUDRILLARD, 2001, p.41).

É possível deduzir daí que a “realidade virtual é uma interface avançada para aplicações computacionais, na qual o usuário pode navegar e interagir, em tempo real, em um ambiente tridimensional gerado por computador, usando dispositivos multisensoriais”¹, ou seja, tem uma relação direta com a nova construção tecnológica e computacional. No entanto, a associação dos termos, real e virtual, chega a ser um paradoxo, pois o primeiro se refere àquilo que existe, enquanto o segundo, ao que

¹ In: <http://www.realidadevirtual.com.br/cmsimple-rv/?Defini%E7%F5es>. Acesso em 23/12/2006.

constitui uma simulação, ou seja, a realidade virtual é apenas sentida como realidade, pois inscreve-se como simulação.

A imagem não mantém mais nenhuma ligação física nem energética com o real; ela é a expressão de uma linguagem específica – a linguagem dos programas informáticos alimentados por algoritmos e por cálculos, ao passo que a interatividade a torna dependente das reações do observador. As técnicas de síntese não propõem uma representação do real mais ou menos semelhante, mas uma simulação. Enquanto a representação ótica se limita ao aspecto visível do real, reduzido à dimensão bidimensional do plano de projeção ou de inscrição, a simulação numérica reconstrói o real a partir de descrições da linguagem lógico-matemática, eventualmente no seu aspecto visível (bi ou tridimensional), mas sobretudo no devir virtual que conhecerá no curso de suas interações com o observador. Simulação e interatividade estão ligadas. Simulamos para interagir. (COUCHOT, 2003, p. 157)

A “realidade virtual” cumpre funções narrativas variadas que vão revelar que o mundo onde se movem personagens, o mundo literário ficcional, pode ser percebido muitas vezes como mera simulação. A influência da técnica e da ciência no mundo contemporâneo se reforça e torna-se mais complexa. Edmond Couchot (2003, p.158), fala em *tecnociência*, e esclarece que usa tal termo em sentido literal, sem subentendido ideológico para confirmar tal influência, afirmando que, com isso, a “arte é arrastada num anel suplementar de automatização que se estende, pouco a pouco, até ao pensamento e ao imaginário”, pois tudo o que alimenta os computadores parte desta mesma técnica e ciência. Daí a narrativa volta-se para uma temática de simulação. Esse tema, é fato, aparece em formatos variados, mas quase sempre tal “simulação” é gerada por computadores e os espaços, tempos e personagens inserem-se num circuito que é fechado e que produz o questionamento de se pensar se o mundo exterior ao indivíduo é ou não real.

Essa narrativa, quando literária, envolve elementos ficcionais, intuitivos, fantasiosos, virtuais e elementos racionais, técnicos e científicos. A associação de ambos cria uma narrativa que seria ficcional e científica, ao mesmo tempo que simula uma nova realidade, embora não no mesmo formato que aquela amparada nos aparatos tecnológicos. Nomeada então como *ficção científica*, essa narrativa, embora por muitos desprestigiada, investe exatamente nesta simulação e a transporta, por vezes, para universos tão ampliados que ultrapassam a aceitação e critica-se então a “não existência” e o “não possível”. Reproduz-se como discurso o “isso não existe”, “isso é impossível” e tal discurso esbarra realmente na inverossimilhança e desvela um

universo de tal forma “inventado” que não há mais como assemelhá-lo à existência, embora seja importante sempre lembrar que, por mais que se crie o que “não existe”, essa “criação” parte sempre do que “existe”. Como tal não há estudo, análise social, interpretação antropológica, reflexo do mundo do ser, pois mergulha no fantasioso, na sombra, no fantástico e se estrutura como uma narrativa que se organiza a partir de um enredo que tem como objetivo mais amplo os possíveis prognósticos de futuro face à realidade presente.

Assim, a ficção científica é uma narrativa resultante do processo da *tecnociência* e sua construção só foi possível porque seus autores procuraram explicitar as possibilidades ficcionais que a tecnologia de cada época, cada tempo, permitia. Acabaram por obter, assim, uma interseção entre narrativas, relatos e técnicas, ou seja, entre a arte e a ciência, cruzando as criações tecnológicas com os diálogos narrativos, ficcionais e literários. Como consequência direta, diminuíram as distâncias entre o universo científico, a linguagem da arte e a vida cotidiana. No entanto, não conseguiram representar tal ciência e tal tecnologia fora da percepção daquilo que “não existe” e como tal “não é possível” e apresentaram, para muitos uma arte que, exatamente por isso, amplia a ficção, visto que não temos alienígenas robóticos e inteligentes, os campos de força, viagens ao hiperespaço, computadores como o HAL, viagens no tempo, não temos uma morada no espaço, teletransporte, missões permanentes em outros planetas, enfim, toda uma criação científica, mas absolutamente ficcional aos nossos olhos hoje.

No entanto, é preciso analisar a ficção científica sobre outro prisma e outros aspectos para encontrar os pontos de contato da literatura, como arte, como precursora de aspectos da ciência e das tecnologias modernas, já que tem o tempo futuro como temática central, mas o tempo presente como metáfora. Assim como os gêneros de horror e fantasia, a ficção científica é muito ignorada e sua importância se dá exatamente pela relação que mantém com o desenvolvimento contemporâneo. A ficção científica tenta retratar, embora pareça um paradoxo, de forma realista, os tempos e espaços futuros que hoje diferem dos nossos, mas que poderão se “presentificar”, pois partem de percepções das criações atuais e oferecem elementos importantes para as discussões sobre os efeitos materiais ou não que qualquer nova tecnologia possa ter sobre a sociedade contemporânea. Os autores de ficção científica criam ambientes estranhos e imaginários que se transformam num campo de novas idéias que poderá ser

examinado a partir das implicações que suas criações propuserem, ou seja, criam uma nova realidade que não necessariamente (embora dê a impressão) se insere apenas no futuro.

Alguns autores têm tentado responder hoje o porquê de a ficção científica ser desprezada ou considerada como uma sublitteratura mal escrita e difícil de entender. Um dos erros é considerá-la como composta por obras que apresentem apenas guerras espaciais, que só falem do futuro tecnológico e científico associado ao fantástico e ao monstruoso sem espelhar a nossa sociedade. Creio que uma boa explicação foi dada por Jacques Sadoul (2001, p.11) quando afirma que, mesmo tendo sido lançada há muito tempo, a ficção científica continua sendo ignorada.

À cela plusieurs raisons: le nom d'abord, qui rebute; les préjugés du grand public qui persistent; les médias qui méprisent le genre (...) mais aussi l'énorme succès des films et des séries télévisées américains de SF e de fantasy qui visent les jeunes spectateurs. Même si le grand public a pris plaisir à voir au cinéma *Star Wars: la menace fantôme* et *Mars attacks!* ou, à la télévision, *The X-Files* ou *Buffy contre les vampires*, il assimile automatiquement la littérature SF à ce genre de productions et pense qu'elle ne concerne que les adolescents. C'est ce phénomène qui s'est produit aux États-Unis au cours de la dernière décennie et a détourné les nouveaux lecteurs de la véritable SF, au profit de la sci-fi, ces space operas écrits à la chaîne.²

Contudo, percebemos que os escritores de ficção científica usam espaços imaginários e, por isso, muitas vezes, estranhos como um campo para novas idéias, antecipando, não raro, possíveis construções sociais, possíveis “realidades” científicas e novas possibilidades tecnológicas. Como, por exemplo o romance “1984”, do escritor britânico George Orwell, que criou uma sociedade rigorosamente vigiada, num regime tão totalitário que até mesmo os pensamentos eram controlados. Um mundo monitorado por câmeras, metáfora para essa ausência de “anonimato” que se tornou a nossa realidade. Somos filmados e fotografados onde quer que estejamos. Fiscalizados pelas imagens e pelos chips, pelos novos celulares, gravadores e computadores. Estamos, hoje, “on line” com o mundo e o desconhecido parece não ser mais possível. E, como não lembrar de “Admirável mundo novo”, obra futurista na qual os homens eram

² O autor Jacques Sadoul faz essa análise relacionada especificamente à ficção científica francesa e apresenta-nos nomes como os de Gerard Klein, Julia Verlanger, Michel Demuth, Philippe Curval, Serge Brussolo, Joëlle Wintrebert, Michel Jeury, Jean-claude Dunyach, Ayetdhal e Pierre Bordage. Afirma que há várias razões que seriam: o nome que é rejeitado, os preconceitos do público, a mídia que despreza a ficção como gênero e, mesmo que os filmes e as séries de televisão façam sucesso, há sempre a relação da ficção científica com o universo mais “adolescente”.

controlados quimicamente – controle genético e mental – numa civilização absolutamente organizada. Quando Aldous Huxley a escreveu talvez não imaginasse que um dia a ciência alcançasse a ficção – a produção de pessoas em laboratórios ultrapassou a linha que dividia a realidade da imaginação.

Constata-se, sem esforço, que essa ficção científica à qual nos referirmos não é sequer um gênero meramente literário, porque suas imagens se transportaram para produções televisivas, cinematográficas, para jogos de computadores, simuladores, quadrinhos e uma outra enormidade de outros produtos técnicos. É preciso fazer aqui uma distinção entre a narrativa de ficção científica para a narrativa que é de ficção e é científica. Margaret Atwood nomeia a primeira, do meu ponto de vista acertadamente, de ficção especulativa e apenas a segunda de ficção científica propriamente dita. A diferença entre ambas é que a ficção especulativa ultrapassa as nossas possibilidades científicas, ultrapassa nossas leis físicas, não há lei da gravidade, o som se propaga no vácuo, envolve criaturas de outros planetas e um arsenal bélico difícil de inventar. Há alienígenas, personagens que circulam pelo espaço, desafiando nossas possibilidades temporais como num passe de mágica. A ficção científica envolve tecnologias de que dispomos, ou que nos são possíveis desenvolver. Não há monstros, não há guerras implodindo mundos. Tudo se passa num futuro possível que requer pesquisa e provoca uma excelente análise de nossa construção social. É essa última que antecipou construções e realizações desta “tecnociência”, é essa que nos interessa por antecipar algumas percepções que são base para a própria ciência, por isso ela é reconhecida por muitos críticos como ficção científica “antecipatória”.

A narrativa de ficção científica não especulativa, antecipatória, não se insere dentro do fantástico, pois mesmo partindo do imaginário se baseia em teorias em curso. Dessa maneira, como prenuncia possíveis “verdades” científicas, embora muitas possivelmente não serão jamais comprovadas, o tempo preferencial é o futuro e o espaço é absolutamente insólito, porque ambos se transformam nos melhores elementos para especular sobre o presente social. Assim, é capaz de gerar novas idéias que, embora reconhecíveis, provocam total estranhamento. Buscando muitas vezes referência direta nas ciências – física, biologia, matemática, química e tecnologia virtual – ficcionalizando o real, num dado momento, pode prever descobertas, ou permitir descobertas e novas interpretações em outro.

É claro que a literatura de ficção científica não tem nenhuma relação direta, não se destina à compreensão científica. É possível perceber que ela, a ficção científica, está repleta de erros científicos, por isso mesmo é ficção, mas, ao mesmo tempo, busca na ciência elementos para sua construção e, constata-se posteriormente que muitas vezes o que era ficção científica torna-se “realidade científica”, torna-se ciência. Muito do que diversos autores de ficção científica escreveram, confundido muitas vezes com o fantástico, foram prognósticos científicos.

A presença do fantástico na literatura não é recente e tão pouco algo inconstante, ao contrário, ao longo do tempo, vem assumindo formas diferentes, ditadas pelas culturas e sociedades. Se entrarmos em uma livraria perceberemos que a magia, os dragões, os castelos, guerreiros e suas espadas, as donzelas e os demônios e monstros, dominam espaços, não apenas em textos literários como via outros gêneros – histórias infantis, filmes, histórias em quadrinhos, videocliques e videogames. Tais gêneros classificados como ficção científica enquanto criações de outra realidade, revelam a dificuldade quase intransponível de classificação por apresentarem-se tão diversos e abrangentes. A questão que se impõe então é entender o que é o fantástico (ou literatura fantástica), na sua acepção mais ampla, ou seja, visto menos como um gênero literário e mais como uma forma de escrita, e como se diferencia da ficção científica e, sobretudo, da ficção especulativa.

O fantástico, presença na literatura desde os primórdios, pode ser definido como um modo que anuncia o que é impossível, irreal sem qualquer preocupação ou relação direta com a ciência e a tecnologia. Os elementos fantásticos são criados pela fantasia e estão presentes em obras de diferentes gêneros, diferentes culturas e diferentes épocas históricas. A permanente transformação de entidades em animais ou plantas desde a origem mitológica em “Metamorfoses”, de Ovídio, é um bom exemplo, pois são figuras humanas que se deformam e se transformam em novas figuras. Não há referência à ciência. Na ficção científica, embora homens também se metamorfoseiem, e o princípio fantástico aí seja o mesmo, só o fazem em decorrência de alguma invenção, criação ou erro humano centralizado no universo da ciência.

Todorov (2007, p. 30) explica em “Introdução à Literatura Fantástica” que o fantástico ocorre na incerteza, e explica que

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e, nesse caso, as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário; ou então existe realmente, exatamente como os outros seres vivos: com a ressalva de que raramente o encontramos.

Das “Metamorfoses” de Ovídio até “A metamorfose” de Kafka, o fato é que desde o final do século XVIII até nossos dias, a caracterização do fantástico, do que é ou não é, foi alterando formas e definições que perpassaram o medievalismo dos românticos, o fantástico de terror do século XIX - o doutor Frankenstein, por exemplo - como o fantástico épico “O senhor dos anéis”, de Tolkien, no século XX. Enveredou por caminhos ora “apreensivos”, ora críticos do pensamento científico e suas conseqüentes aplicações, explorando o que era questionamento para essa própria ciência como a relatividade e a mecânica quântica e extrapolou a relação com o cientista, a experiência e o invento para civilizações futuras, dominadas por seres estranhos, alienígenas e suas naves espaciais gerando simulacros de seres humanos – robôs, andróides, ciborgues.

Não é possível perceber a ficção científica sem fazer uma genealogia que remonte à Antigüidade e claramente sem fazer uma relação com o fantástico. Da mesma forma que se encontram definições diferenciadas para o fantástico, que são mais ou menos abrangentes, o mesmo se dá com a ficção científica. A diferença, talvez fundamental que se possa estabelecer, é que o mundo fantástico não tem que ser, necessariamente, baseado na realidade, nem nas suas regras, pois é capaz de aceitar explicações e seres de caráter mágico ou sobrenatural. Contudo, a ficção científica está centralizada, como o próprio nome procura indicar, na transposição de conhecimentos científicos e tecnológicos. Assim, ela tende a profetizar um futuro mais ou menos longínquo embora possa remeter ao passado e analisar o presente. A ficção científica fala sobre o fantástico das vidas extraterrestres, com viagens espaciais, robôs, alienígenas, máquinas que ultrapassam a última geração, como já se afirmou, mas está ligada sobretudo à física, à astrofísica, à astronomia e às construções tecnológicas.

No entanto, deparamos-nos com outros textos, sem dúvida, literários, cujos robôs, alienígenas e suas máquinas espaciais são apenas elementos metafóricos para discussões muito mais profundas que se voltam para o humano, social e político,

embora não abandonem a ciência, apesar de que esta estará relacionada às perspectivas humanas na sociedade, ou melhor, há textos cuja base explora o científico, a ciência, por si, enquanto possibilidades de desenvolvimento, daí o fantástico, e outros que percebem tal ciência e o desenvolvimento científico apenas como um dos elementos da sociedade que muito influencia no seu formato e em suas conseqüências para a vida humana.

Por outro lado, ainda que por vezes recorra ao verossímil, a uma narração tensa e sincopada, assim como a outros processos correntes no fantástico, a ficção científica raramente visa o principal objetivo daquele gênero: evocar a irrupção do sobrenatural no mundo cotidiano em termos de intensa ambigüidade. De igual modo, pode revelar estreitas afinidades com as narrativas de terror e de horror, sobretudo as que se circunscrevem ao gênero estranho, quando, por exemplo, evoca seres alienígenas monstruosos ou ameaçadores. Sem embargo, também neste particular é freqüente surgirem diferenças susceptíveis de as demarcar reciprocamente. Torna-se, ainda, no mínimo discutível, englobar, na ficção científica, certas histórias não obstante com ela aparentadas, como sucede com as aventuras em diversos tempos e mundos, muito próximas do maravilhoso, que correm sob as etiquetas de heroic fantasy ou sword and sorcery. O mesmo, de resto, se poderá dizer dos seus sucedâneos mais simplistas, populares embora entre os leitores menos exigentes, muito vulgares em filmes ou séries televisivas e depreciativamente designados pela expressão space opera. Por fim, convirá alertar contra qualquer confusão, de resto fomentada por certas editoras, entre ela e os textos sobre esoterismo, adivinhação, astrologia, ocultismo ou alegados encontros com extraterrestres, publicações que, um pouco por toda a parte, exploram o apelo do mistério ou a pura superstição.³

Na verdade, o grande problema é que o termo ficção científica, FC, science fiction, sci-fi ou SF, reúne ao mesmo tempo obras de qualidade duvidosa com outras muito bem conceituadas, e muitas revelam apenas os efeitos negativos da ciência, da tecnologia e do desenvolvimento. “As viagens de Gulliver”, de Jonathan Swift, já desvelava as terras mais estranhas e habitantes que podem se ocupar com conspirações enquanto o país se arruína. Mas é no século XIX que o desenvolvimento industrial e tecnológico se acelera e as visões futuristas, positivas ou negativas, que datam do Renascimento, se manifestam como parte das construções sociais e humanas e sua eterna visão de progresso e desenvolvimento. É natural então que isso também se propague por meio da literatura. O estranho, fantasmas e monstros, darão lugar ao impossível, duendes, gênios ou demônios. Físicos, bioquímicos e astrofísicos que se tornarão colaboradores literários.

Como afirma o inverossímil e o não possível, como contraria a realidade e a verdade, como cria “mundos” que não existem, como contesta aquilo que se percebe no

³ In: http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/F/ficcao_cientifica.htm Acesso em 28/12/2007.

mundo do visível, a ficção científica antecipatória e especulativa são vistas como subversivas, sobretudo em períodos racionalistas, cuja ciência é capaz de comprovar o que “é” e o que “ não é”, um gênero que não poderia ser aceito por uma crítica habituada a uma escrita realista. Assim, o fantástico, a ficção científica, sempre foram desconsiderados, e vistos pela crítica como gêneros marginais, cujos textos estariam voltados para o público infantil ou todos aqueles que culturalmente são levados a admirar uma literatura menor, mais fácil de ler e entender e todos aqueles que queriam da literatura apenas as histórias que pudessem ser lúdicas. Talvez devido a esse prejulgamento do termo “ficção científica” surgiu uma tendência para um termo como “ficção especulativa” que orientasse as avaliações de superioridade ou inferioridade artística. Assim, seria possível avaliar o lugar que escritores contemporâneos como Philip K. Dick e Stephen King ocupam diante de escritores renomados como Julio Verne, H. G. Wells. Há uma preocupação aqui em conectar a ficção científica com as obras universais de invenção literária que também são canônicas. Além disso, mais do que o fantástico, que a ficção antecipatória, caracterizada por uma preocupação social maior, e a ficção especulativa, outros gêneros se somaram a esses como o “ciberpunk”, que fundiu o homem com a máquina num mundo totalitário como o de William Gibson e Bruce Sterling, a “ficção científica hard” cujas histórias baseiam-se no estado atual do desenvolvimento científico, muitas vezes apresentando físicos ou químicos como escritores e a “space opera”, repleta de clichês, de aventuras românticas, planetas distantes e espaçonaves voadoras.

Na ficção antecipatória, as histórias se passam no nosso planeta e as personagens são seres reconhecidamente humanos, as máquinas, embora ultrapassem as nossas em desenvolvimento, já são invenções científicas asseguradas, não há alienígenas e monstros. Nada está fora do nosso universo de possibilidade embora possa ir além dele. No entanto, não há um abandono da visão científica, tecnológica, maquínica e desenvolvimentista. Por isso, ao relacionarmos (ou tentarmos fazê-lo) a ciência à literatura, esse seria o gênero no qual ambas estão, sem dúvida, mais visíveis. Não há o científico sem a ciência e tal ficção, baseando-se na ciência existente, é capaz de antecipar possibilidades, pois sem alguns conhecimentos de ciência e tecnologia, mesmo que pouco avançados, não seria possível escrever ficção científica. Além disso, parece ser da essência da ficção científica que se extrapole o presente e haja uma projeção no futuro com base num determinado estágio de desenvolvimento científico e

tecnológico, antecipando possibilidades que se concretizarão ou não. Como se volta para o futuro, o texto literário científico antecipa apenas idéias ou, com certeza, muito do que está escrito como mera possibilidade e resultado da imaginação e, dessa maneira, acaba por constituir e construir caminhos para a pesquisa científica. Será que não foi a partir da idéia da existência de um robô, de um clone, visto como impossibilidades técnicas em um determinado período, mas como possibilidade literária que fez com que o homem pesquisasse exatamente estas “possibilidades”? A ciência vista em seu período histórico como desenvolvimento social influenciou escritores e seus textos já produzidos, mas será que o inverso também não faz parte do universo da verdade e da realidade? É de se supor então que é preciso que quem escreve deixe de renegar e desconhecer a ciência e que os cientistas invistam na em suas formações literárias, caso contrário, dificilmente teremos uma literatura e uma ciência que se pautem pela inovação e contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. **A transparência do mal**: ensaios sobre os fenômenos extremos. São Paulo: Papyrus Editora, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo, Editora UNESP, 2004.
- BRONOWSKI, Jacob. **O olho visionário**: ensaios sobre arte, literatura ciência. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CAMPOS, Roland de Azeredo. **Arteciência**: afluência de signos co-moventes. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte**: da fotografia à realidade virtual. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.
- DOMINGUES, Diana (Org.). **A arte no século XXI**: a humanização das tecnologias. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1996.
- POINCARÉ, Henri. **O valor da ciência**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.
- SADOUL, Jacques . **Une histoire de La science-fiction**: 1950 – 2000, Libro: Paris, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade**: o uso humano de seres humanos. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

Andréa Coutinho é mestre em Literatura pela Universidade de Brasília e doutoranda em Teoria da Literatura pela mesma Universidade; professora da Universidade Católica de Brasília. (andream@ucb.br)